

Alavanca da economia

Postos sobre a mesa, os dados da economia brasileira formam um mosaico aparentemente difícil de ser compreendido, mas que tem um fio condutor central de seu comportamento. Assim, enquanto se revela uma elevadíssima taxa inflacionária acima dos 20 por cento ao mês, o País segue um curso ascendente de exportações, que não cessam de alcançar números recordes. Os dados mais recentes da Cacex falam em um total de US\$ 3 bilhões de receita de comércio exterior no mês de junho último, que representam um saldo líquido de US\$ 1 bilhão e 840 milhões no mês.

Em termos reais, isto quer dizer, simplesmente, que a economia brasileira prossegue para a frente e em condições de ampliar sua participação, ainda pequena, no disputado mercado internacional. Uma Nação com a economia em frangalhos, como alguns pessimistas pretendem fazer acreditar, não seria capaz de apresentar, mês a mês, um balanço ascendente de seu comércio exterior, como vem acontecendo com a economia brasileira. É, portanto, um sinal seguro de que o País tem capacidade de reagir diante das dificuldades e apresentar resultados altamente positivos, sem que isso queira dizer a passividade ou a aceitação fatalista da inflação desenfreada que tem assolado os salários dos trabalhadores e os orçamentos das empresas.

A lição mais importante a ser extraída desse comportamento do comércio exterior brasileiro é a de que, mais uma vez, as leis

de mercado e a performance da iniciativa privada sobrepõem-se à ilusão de que o Estado é quem comanda a economia. Na verdade, dá-se precisamente o inverso. A política econômica pode favorecer este ou aquele setor produtivo com vistas a estimular ou, pelo menos, não dificultar a sua maior presença no mercado exterior. Mas é a conjunção de fatores de mercado, tanto em nível interno quanto internacional, que realmente ditam as regras do comportamento da balança comercial brasileira.

Tome-se, por exemplo, o caso do feijão-soja. Um fenômeno climático nos Estados Unidos, que ocasionou a pior estiagem dos últimos tempos, projetou para cima os preços dessa leguminosa. O mesmo se dá com o suco de laranja, por causa das perdas de colheitas dos cítricos naquele país. Aliás, é de se esperar que a compreensível euforia com essa alta de preços e com a receita em dólares dela decorrente, não leve o Brasil a descuidar do plantio e do abastecimento dos produtos essenciais à alimentação de seu povo.

A conclusão maior que se impõe é de que a economia privada tem forças suficientes para caminhar com suas próprias pernas. E quanto mais o Estado permitir o livre desenvolvimento das forças produtivas, mais rapidamente o Brasil conseguirá sair de suas dificuldades e atingir o nível de progresso e de bem-estar social que seu povo merece.